

A disputa do segundo lugar

O único candidato que parece ter assegurado sua presença no segundo turno é Fernando Collor de Mello, com 27 por cento das preferências da nova pesquisa do Instituto Gallup, publicada ontem por **O Estado de S. Paulo**. Luiz Inácio da Silva, com 13,1, Leonel Brizola, com 12,7, Mário Covas, com 11 e até Paulo Maluf, com 10,3, estão emboçados disputando o segundo turno, configurando o que se chama, no jargão, de empate técnico.

Dos 82 milhões de eleitores qualificados para a eleição de hoje, estima o Gallup que cerca de 21 milhões ainda não escolheram o seu candidato. Estão hesitantes entre dois ou três nomes 17,9 por cento, enquanto 7,7 por cento se declaram completamente indefinidos. Só esse expressivo contingente eleitoral que não escolheu candidato pode desequilibrar o resultado eleitoral de hoje para onde se inclinar.

A impressão que ficou, ao longo deste processo, é a de que as pesquisas não são inteiramente confiáveis. A diferença entre alguns resultados de certos institutos era bastante expressiva para não chamar a atenção do observador. Como não há qualquer controle sobre semelhante trabalho, fica a suspeita de que existe algo de errado.

Certos setores mais conservadores não disfarçaram o interesse em escolher dois candidatos para o segundo turno. Lula teve crescimento real, mas foi ajudado por esses setores, que consideram o candidato do PT o ad-

versário que mais facilmente será derrotado por Fernando Collor. Nas últimas horas, tais segmentos não escondem o intento de ajudar o crescimento de Mário Covas. Deseja-se evitar, a qualquer custo, que Leonel Brizola figure no segundo turno de votação.

De acordo com a última pesquisa do Instituto Gallup, o segundo colocado ainda é uma incógnita, tão pequena é a diferença que separa Lula de Brizola e de Covas e Maluf. Qualquer um desses candidatos poderá disputar com o ex-governador de Alagoas o turno final. Tudo vai depender do pronunciamento do eleitorado indeciso, à última hora. E é esta a razão por que o trabalho de boca de urna poderá decidir a eleição.

Nessa tarefa, o candidato do PT leva grande vantagem. Em primeiro lugar, por possuir a militância mais dinâmica e agressiva. E, em segundo, por contar com a ajuda do clero progressista, hoje a parcela mais atuante da Santa Madre Igreja. Figuras importantes de tal falange religiosa perderam o constrangimento para trabalhar ostensivamente em favor de Luiz Inácio.

As inquietações e dúvidas geradas por esta eleição presidencial mostram que o presidencialismo tem os dias contados no Brasil. Cada sucessão é uma fonte de inquietação e, não raro, de crise institucional. Cresce o número dos que acreditam que a solução das nossas crises só virá com a implantação do parlamentarismo.